



EDUCAÇÃO, CULTURA E IMAGEM NOS ESPAÇOS MUSEOLÓGICOS

Susane Ferreira Gomes¹, Suely Lima de Assis Pinto²

¹Universidade Federal de Goiás/ susaneferreira17@gmail.com

²Universidade Federal de Goiás / suelylima.ufg@gmail.com

Resumo:

O presente artigo tem por objetivo compreender como a educação e a cultura se configuram no âmbito da educação não formal, partindo da ideia de que a educação ocorre em todas as instâncias, não apenas em uma instituição escolar. A problemática deste estudo analisa como a cultura e a imagem inserida na educação não formal podem contribuir com o processo educativo? Esta pesquisa tem por metodologia a pesquisa bibliográfica amparada nos seguintes autores: Gohn (2010), Brandão (1988, 2002), Laraia (1998), Coelho (2003). O estudo tem evidenciado que a educação ocorre a todo o momento em diferentes contextos e que a cultura presente em espaços institucionalizados como os museus, ou no cotidiano dos diferentes grupos, também educa. O conceito de educação formal, informal e o não formal permeia o debate aqui empreendido, tendo o museu como potencial educativo a ser explorado pelo professor. Analisa-se neste contexto, que a educação em espaços não formais, a cultura ali produzida e observada, possibilita uma formação estética e cultural que irá colaborar com a formação humana de nossos jovens, pois a cultura educa e humaniza enquanto a convivência com os espaços museológicos desenvolve a criticidade e compreensão do mundo que o cerca.

Palavras-chave: Educação. Museu. Cultura.

Introdução

O presente artigo tem por objetivo compreender como a educação e a cultura se configuram no âmbito da educação não formal, partindo da ideia de que a educação ocorre a todo momento não apenas em uma instituição escolar. Analisa-se a partir da seguinte problemática: como a cultura e a imagem inseridas no âmbito da educação não formal podem contribuir com o processo educativo?

Com isso caminha-se na ideia de formação do aluno para uma educação visual e patrimonial tendo como subsídio a frequência em espaços não formais como os museus. Desta forma, defende-se a ideia de que a educação não formal pode ser uma aliada para a educação formal, coube então compreender de que forma a educação se configura nestes espaços culturais, e em que estes espaços contribuem com o ensino regular.

A motivação em pesquisar este tema, veio no decorrer de três anos consecutivos de monitoria na disciplina Arte e Educação do curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal de Jataí. Como monitora responsável pelo Laboratório de Arte, pôde-se promover a cada ano, juntamente com a professora, visitas aos museus utilizando o conhecimento contido nestes espaços objetivando o ensino crítico e estético às/aos

graduandas/os de Pedagogia. Foi observando as reações e inquietações dessas/es alunas/os diante de uma imagem da arte que surgiu ao longo deste período de monitoria, o tema deste trabalho.

Para encontrar a resposta à problemática aqui apresentada, será utilizada como metodologia a pesquisa bibliográfica. Autores como: Pinto (2015, 2016), Gohn (2010), Brandão (1988, 2002), Laraia (1998) serão fundamentais para compreensão do tema proposto.

Este estudo inicia-se discorrendo sobre a educação e cultura, e sua relação no processo de aprendizagem, e na sequência dialoga-se sobre o museu e seu potencial educativo, seguidos pela ideia de que os espaços de educação não formais são passíveis de uma formação estética e cultural.

A educação e os processos formativos no âmbito da cultura

Ao pensar o que é educação, logo se remete à instituição escolar, porém o autor Brandão (1988) afirma que há mais de uma forma de educação, ela pode ocorrer dentro e fora da escola, evidenciando que os seres humanos são seres aprendentes, cujo aprendizado é natural e ocorre a todo momento. Desta forma Brandão (1988, p. 13) defende que: “a educação existe onde não há a escola e por toda parte podem haver redes e estruturas sociais de transferências de saber de geração para outra, onde ainda não foi sequer criada a sombra de algum modelo de ensino formal e centralizado”. Em outras palavras, para este autor, ninguém escapa da educação.

Assim como a educação, a cultura também está em diferentes contextos, pois a mesma é considerada como instrumento de aprendizado estando este no “campo” da educação não formal (GOHN, 2010).

Sobre a cultura Brandão (2002, p.16) discorre “eu me vejo como ser da natureza, mas me penso como sujeito da cultura. Como um alguém que pertence também ao mundo que a espécie humana criou o aprender viver”. O autor demonstra, ao pensar em cultura, que tudo que se olha precisa de definição, de significado que só os signos, e palavras poderiam trazer significações à vivência humana. Segundo ele, o ser humano é sujeito da cultura.

Quando se pensa em condicionantes da cultura recorda-se de Laraia (2003, p. 67) ao defender que “a cultura é como lentes, através da qual o homem vê o mundo”, homens de grupos sociais diferentes usam lentes diversas e, portanto, tem visão desconstruída das coisas que vão condicionar a forma como se vê e vê o outro no mundo. Portanto, cultura é criada pelo homem, e por ela condicionada, sua cultura se torna lente pela qual o indivíduo verá o mundo, ela que vai dizer o que pode ou não fazer sentido, e, segundo Laraia (2003), esta cultura irá interferir no seu plano biológico também, alterando

corpo e mente pelo que se acredita e é socialmente e culturalmente convencionalizado.

No que tange à formação humana constata-se que a cultura é uma constituinte do ser. A cultura também se constitui como educação não formal e informal, pois é passada de pai para filho a cada geração, é esta cultura que difere o homem dos animais, o homem é dotado de sentimento, pensamento e capaz de produzir e criar para si o trabalho e as formas de sobreviver e “ao fazê-lo adquire junto sua face humana (COELHO, 2003, p. 1)”.

Desta forma Brandão (2002, p. 16 grifos do autor) define:

Cultura é uma palavra universal, mas um conceito científico nem sempre aceito por todos os que tentam decifrar o que os seus processos e conteúdos querem significar, e que misteriosamente existe tanto fora de nós, em qualquer dia do nosso cotidiano, quanto dentro de nós, seres obrigados a aprender, desde crianças e pela vida afora, a compreender as suas várias gramáticas e a “falar” as suas várias linguagens.

Em outras palavras, o autor defende a ideia de que a cultura é algo que todo ser humano vivência, daí ser universal. Desde o nascimento o homem está aprendendo, com o que existe em si de subjetivo e o que é externo, o mundo objetivo, e para estar em sociedade precisa aprender a linguagem do grupo que está integrado.

Nesta mesma linha de pensamento Pinto (2006, p. 12) afirma que:

A cultura se constitui tanto no trabalho - em seu caráter objetivo – quanto em símbolos, regras valores, ações, modo de ver e ser no mundo- em seu caráter subjetivo-neste sentido ela se cria, se recria, se forma, se transforma, se externaliza, se objetiva e principalmente, se universaliza. O caráter universal da cultura, que possibilita ao homem “ser” humano, gera possibilidade de socialização, de interiorização do conhecimento produzido pelas diferentes sociedades.

De outra maneira, a autora enfatiza que a característica universal (no sentido de que o mundo inteiro possui cultura), este elemento possibilita a socialização dos conhecimentos, que é o ensino transmitido, está nos grupos sociais por meio de regras, valores, ações, cria-se a cultura que condiciona a forma como ele deve seguir, pensar e agir. Todo esse processo, que se viu no início desse subitem, é educação. Educação que se encontra no âmbito da cultura e dos processos de socialização, e educação que se encontra no âmbito do ensino formal, não formal e informal.

Dessa forma pode-se pensar junto à Gohn (2010, p. 15 - 16 grifos da autora) que:

Em principio podemos caracterizar a educação formal como aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdo previamente demarcados; a educação não formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidiano; e a educação informal como aquela na qual os indivíduos aprendem durante o processo de

socialização gerada na relação e relacionamentos intra e extrafamiliar (amigos, escola, religião, clube etc.).

A autora enfatiza os três campos da educação que são compreendidos como sendo a educação formal a desenvolvida na escola com ensino sistêmico, a educação não formal é constituída no mundo da vida, principalmente em espaços coletivos, como é aquela que ocorre em museus, teatro, etc. Já a educação considerada pela autora como a aprendizagem com o outro é intrafamiliar e extrafamiliar.

Para Gohn (2010, p.15) a educação informal:

incorpora valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimento herdados. Os indivíduos pertencem aquele espaço segundo determinações de origem, raça/etnia, religião etc. São valores que formam as culturas de pertencimento nativas dos indivíduos. Contrariamente à educação não formal e não formal está no fato de que a não formal não é nativa, mas sim construída por escolhas ou sob certas condicionalidades, há intencionalidade no seu desenvolvimento, o aprendizado não é espontâneo, não é dado por característica da natureza, não é algo naturalizado.

Parafraseando, o aprendizado gerado e compartilhado na educação não formal não é natural do ser humano, são escolhas, enquanto na educação informal se constitui como aprendizado natural, aprendendo por determinações, como local onde mora, etnia.

Assim, a educação se coloca como parte da cultura, como defende Pinto (2016), ao discorrer que a educação é a forma do ser humano se constituir no mundo da cultura, a autora parte da ideia de que a cultura define a humanidade, e desta forma por ela é condicionada, sendo assim educacional processo educativo se constitui em uma forma de todos os humanos se localizarem no meio em que vive. Ao pensar como a autora, entende-se que a cultura condiciona a forma como vive o indivíduo e necessariamente a educação é uma forma de ensinar a cultura e os conhecimentos acumulados individual e socialmente.

Ensinar, então, segundo Pinto (2015) consiste em uma rede de trocas de signos que ocorre nas relações humanas, todo momento se aprende, não apenas em uma escola. Ela traz também a ideia de que as imagens educam, ao passo que com elas se pode reviver momentos bons e ruins, dependendo do conhecimento que a imagem aciona na memória e traz consigo reflexão sobre sua própria educação. Contudo, para que esta educação por meio da imagem ocorra, é necessário educar o olhar, ou querer se deixar olhar por ela, sentimento que só serão sentidos quando se permitir ver.

Neste sentido Gauthier (2003, p.11) dispõe que, “o ensino é um ofício universal. E esse ofício não somente possui uma longa história, pois suas origens remontam à Grécia antiga, mas tem um papel fundamental em nossas sociedades contemporâneas”. Ensinar é um ato que todo ser humano faz desde o início das primeiras civilizações, possui um papel importante na

nossa sociedade, prepara para o futuro.

Essa análise também está no autor Coelho (2003, p. 1) quando afirma que:

Como ser do mundo, que ele nasce e age compreendendo-o, conferindo-lhe significados e adequando-o a suas necessidades, o homem transforma o mundo, cria sua face humana e, ao fazê-lo numa complexa e conflituosa e íntima relação com o outro, cria a si mesmo como humano, inventa sua existência como indivíduo, pessoa e coletividade. Enfim, cria a cultura, conjunto de esquemas interpretativos e explicativos do mundo, do nascimento da morte, da transformação e da permanência, estruturados sob a forma de costumes, hábitos, mitos, crenças, instituições, língua, letras, artes, filosofia, ciências e técnicas.

Em outras palavras o autor defende que a cultura é o que faz do homem um ser humano, este processo de se descobrir como produtor de cultura ocorre por meio de conflitos entre si e o outro, neste embate cria a si os seus costumes, crenças, religião etc. Esta cultura será característica de cada grupo social. Portanto reitera-se que cultura educa, e o ser humano aprende não apenas na sala de aula, mas sim em qualquer espaço que estiver.

Pode-se então, compreender com Brandão (1988, p.10) que:

A educação é como outras, uma fração do modo de vida dos grupos sociais que criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade. Formas de educação que produzem e praticam, para que elas reproduzam, entre todos os que ensinam- e – aprendem, o saber que atravessa as palavras da tribo, os códigos sociais de conduta, as regras do trabalho, os segredos da arte ou da religião, do artesanato ou da tecnologia [...].

A educação está implícita nos grupos sociais, e a forma como é repassada pela cultura que transmite seus códigos sociais, a forma que criaram para sobreviver característico de cada grupo social. Neste sentido, Brandão (1988, p.11) complementa o raciocínio enfatizando que:

[...] a vida do grupo e a de cada um de seus sujeitos, através de trocas sem fins de natureza entre homens, trocas que existem dentro do mundo social onde a própria educação habita, e desde onde ajuda a explicar – às vezes a ocultar, às vezes a inculcar- de geração em geração, a necessidade da existência de sua ordem.

De outra forma cada indivíduo no seu grupo social está sujeito à trocas de signos, universo que segundo o autor habita a educação, o que auxilia a transmissão de conhecimento de geração a geração, Brandão (1988, p. 13) ainda enfatiza que: “A educação participa do processo de produção de crenças e ideias, de qualificações e especialidades que envolvem as trocas de símbolos, bens e poderes que em conjunto constroem tipos de sociedade. E esta é a sua força”. A educação também está imbricada na cultura como supracitado, sendo instrumento da cultura.

Ao pensar em grupos sociais, nos recordamos de socialização que é ação entre indivíduos sociais, principalmente, como foi dito, no âmbito da família, porém devemos

lembrar que existe mais de uma forma de socialização, que segundo Duarte Júnior (2004, p. 79) existem dois tipos de socialização a primária e a secundária como exposto a seguir:

A primeira identificação da criança se dá com os membros da sua família, na medida em que ela progride em aprendizado, os papéis e significados desempenhados e transmitidos pelos familiares vão sendo percebidos como característicos também de outras pessoas [...] Já a socialização secundária diz respeito a qualquer processo subsequente à primária que vise a introduzir o indivíduo em novos setores do mundo objetivo de seu meio social [...].

Desta forma compreende-se que o primeiro contato de aprendizagem é a família, e depois este campo se amplia às outras pessoas e à escola onde recebe o ensino sistêmico, em uma instituição escolar, com diretrizes e normas.

Assim, ao se refletir sobre a educação e os processos formativos no âmbito da cultura foi possível compreender que a cultura, a família também educa, uma educação que faz parte do campo não formal e informal, são diferentes formas de se educar sem a sistematização do ensino formal, dentre elas os espaços museológicos.

Museu como espaço de educação não formal

Considerando o debate empreendido até aqui é possível compreender que o museu se evidencia nesta pesquisa como, foi observado em Gohn (2010) em educação não formal. Desta forma, recorda-se que Martins (2006, p. 09) ao discorrer que “o museu possui origens remotas na história humana, são instituições que atravessaram os séculos assumindo contornos tão diferenciados quanto às tipologias de suas coleções”. De outra maneira, a autora demonstra que são instituições que possuem origem bem antigas, com formatos diferentes, ou seja, tipologias¹ diferentes.

Segundo o Conselho Internacional de Museu (ICOM 2019), “o museu é uma instituição permanente sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento aberta ao público, que adquire conserva, investiga e expõe o patrimônio material e imaterial da humanidade e do seu meio envolvente”. Em paráfrase o museu é uma instituição que não possui finalidades lucrativas, sempre aberta a todos que se interessarem, cuja função principal é guardar, coletar e conservar a memória e acervos.

Para complementar a compreensão o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) enfatiza que:

¹ Tipologia é a natureza ou características da coleção no acervo, por exemplo, museu histórico, acervo sobre a história local ou nacional, museu de arte, acervo artístico.

O museu é o lugar em que sensações, ideias e imagens de pronto irradiadas por objetos e referenciais ali reunidos iluminam valores essenciais para o ser humano. Espaço fascinante onde se descobre e se aprende, nele se ampliam o conhecimento e se aprofunda a consciência da identidade, da solidariedade e da partilha.

Após recorrer o conceito de museu defendido pelo IBRAM e ICOM, pode-se constatar que museu é uma instituição sem fins lucrativos, que possibilita o desenvolvimento de sentimentos e sensações provocadas pela história ali encontrada, ou seja, sentimento de pertencimento e de identidade. O espaço museológico é capaz de produzir sensações, provocadas pelo diálogo entre o espectador e o objeto museológico, por meio do discurso produzido pelas exposições.

O professor precisa usufruir destes espaços para promover a educação patrimonial, que nada mais é que: “um processo permanente e sistemático de trabalho educacional, centrado no patrimônio cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo (HORTA, 1999, p.6)”. Em outras palavras, estudar o objeto como constituinte do ser, este por sua vez encontra-se em uma determinada cultura, e pode ser usado para o enriquecimento coletivo e individual.

O museu, então, é constituído como um local de educação do campo não formal, que pode fornecer o aprendizado patrimonial e cultural estabelecendo ligações entre passado, presente e futuro. Ou seja, para educar precisa-se escolher os meios e para isso, o museu é um deles.

Horta (1999, p.6 grifos da autora) complementa discorrendo “que a educação patrimonial é um instrumento de ‘alfabetização cultural’ que possibilita ao indivíduo fazer a leitura de mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico temporal em que está inserido”. De outra forma, por meio da sensibilização do aluno para a educação patrimonial, se contribui para um ensino crítico de mundo ensinando a ler o todo, não apenas parte, ou seja, aquela pessoa que consegue se expressar sobre tudo, lê o mundo.

Museu e escola são instituições diferentes, a escola é o órgão responsável por fornecer a educação formal ao aluno, como defendido por Paz e Graebin (2012, p.103).

Museus e escolas são instituições diferentes, com objetos, propostas, natureza de atividades, relações com o público, ações, ritos, códigos, apresentação de conteúdos e práticas diferenciadas. Mesmo o museu não sendo uma escola, uma das suas funções centrais é a educativa. Por meio das exposições, os museus criam discursos, tendo como suporte, os objetos do seu acervo a partir dos quais comunica informações, ideias e conceitos aos seus visitantes.

As autoras discorrem que museus e escolas não são as mesmas instituições, possuem natureza diferente, mas ambos educam e o museu possui como uma de suas funções as ações educativas, a partir de seu acervo e comunicação a escola pode usufruir deste espaço como trabalho interdisciplinar, tendo o museu como espaço de aprendizado pedagógico. Ambos, em parceria, desenvolvem atividades diferentes, porém educativas.

Segundo Horta (1999, p. 26)

os centros históricos de muitas cidades do Brasil são excelentes para estimular o professor e seus alunos a estabelecer e compreender as relações fundamentais entre o presente, o passado e o futuro, e as mudanças ocorridas nos modos de vida das pessoas que nele viveram, assim como nas próprias cidades.

De outra maneira os museus se constituem como ótima ferramenta de ensino e a forma de ensinar a criança a valorizar e conhecer o patrimônio.

Portanto estar em um museu é estar em contato com o diálogo entre o que é material (palpável) e o que é imaterial (intangível) e ser tocado por outra dimensão imaterial que são os sentimentos provocados pelo discurso das exposições.

Pensar em um museu e educação é observar, segundo Santos (1993, p.20), que: “[...] o museu deixa de preocupar só com o passado, para se dedicar também ao presente, contribuindo para a melhoria das condições de vida, para o engajamento do homem no seu meio, de forma crítica e participativa”. A percepção de museu vai se transformado, segundo esta autora, e após as revoluções e transformações sociais o museu começa a ver uma necessidade de se aproximar da comunidade e contribuir para melhorias na qualidade de vida, a partir de situações de pertencimento ou na forma como ele vive e assim contribuir para sua formação crítica.

Ainda neste sentido Costa e Wazenkeski (2015, p.65) discorre que:

Os museus deixam de ser espaços de fruição estética apenas, ou de transmissores de curiosidades e exotismo através de objetos resultantes de conquistas bélicas, e passam a ter um importante espaço de interpretação de culturas e de educação dos cidadãos, fortalecendo a cidadania e o respeito às diferenças culturais.

Os autores defendem o momento em que o museu passa a ser apenas um transmissor de cultura e passa a fortalecer a cidadania, isso ocorre por meio das ações educativas que o museu desenvolve. Neste sentido, Santos (1993, p. 24) enfatiza a necessidade de ação cultural e educativa nos museus:

[...] instituição que deve estar comprometida com o processo educacional, desempenhando uma ação cultural e educativa, no âmbito da educação formal e

informal, ação esta que, no nosso entender, não esta vinculada somente as atividades programadas para os alunos e professores, mas que deve ser buscada e entendida desde o momento em que estabelece o roteiro da exposição, apresentamos os objetos, elaboramos textos e etiquetas, que não devem ser responsáveis somente pela apresentação do conteúdo que será mais um conteúdo acumulado, mas que devem suscitar a criatividade, o questionamento, a reflexão crítica e a busca de um novo fazer, o que para nos se caracteriza em um ato educativo.

A autora defende a ideia de que o museu não é apenas para passar por ele lendo legendas e compreender o discurso ali contido, mas ela defende a ideia de que o museu, por meio das exposições, deve promover questionamentos, reflexão crítica e buscar novas formas de fazer e de ensinar, é neste processo de ensino crítico que o museu promove o ato educativo e se configura em espaço de educação não formal.

A formação estética e cultural como reflexão conclusiva

Considerando os aspectos educativos aqui mencionados que envolvem um amplo conceito de educação, compreende-se que a arte pode ser um dos determinantes deste processo educativo. Arte que pode estar nos museus, ou nas praças, em instituições, ou na família, produzida de forma individual ou coletiva. Percebe-se assim, que a arte está sempre presente na vida humana, os primeiros vestígios de arte foram encontradas por meio de desenhos representativos, feitos nas paredes das cavernas, as chamadas pinturas rupestres, que eram imagens que traduziam a realidade daquele povo, a caça, a pesca a coleta. As imagens possuem uma história, uma significação que deixam rastros, histórias.

Ao pensar na importância da imagem na sala de aula nos recordamos das aulas de arte e sua importância, neste sentido Fusari (1993, p.15) discorre que:

A educação através da arte é, na verdade, um movimento educativo e cultural que busca a constituição de um ser humano completo, total dentro dos moldes do pensamento idealista e democrático. Valorizando no ser humano os aspectos intelectuais, morais e estéticos, procura despertar sua consciência individual, harmonizada ao grupo social a qual pertence.

A autora explica a importância da disciplina Arte Educação, para formação infantil, sendo ela capaz de formar um ser humano completo, valorizando aspectos intelectuais, morais e estéticos, contribuindo para formar um cidadão crítico e autônomo para melhor conviver junto ao grupo a que pertence.

Neste sentido Coletto (2010, p.3) complementa a ideia afirmando que :

A arte é importante na vida da criança, pois colabora para o seu desenvolvimento expressivo, para a construção de sua poética pessoal e para o desenvolvimento de sua criatividade, tornando-a um indivíduo mais sensível e que vê o mundo com outros

olhos. Os seres humanos são dotados de criatividade e possuem a capacidade de aprender e de ensinar. A criatividade da criança precisa ser trabalhada e desenvolvida, e é por meio do trabalho realizado com a arte nas escolas que isso será possível,[...]

Estudar arte na escola é importante, pois por meio dela o aluno poderá desenvolver-se e elevar a sua capacidade de criar e imaginar, fornecendo elementos que o ajudarão a ser mais crítico diante do mundo da cultura.

A educação do olhar também é importante e segundo Buoro (2003, p.16) não basta apenas olhar só por olhar, mas ver a obra (ou imagem) com riqueza de detalhes usando premissas de seu conhecimento, de sua cultura. Para a autora “a escola pode desenvolver no aluno a percepção visual de mundo por meio da obra de arte, ampliando seu repertório visual e gráfico, contribuindo para uma construção do olhar crítico no exercício da cidadania”. A escola pode promover momentos que vão auxiliar na leitura e educação patrimonial, procurando formas de ampliar o repertório que as crianças conhecem, sensibilizando-as para ver além da imagem, o museu pode esse elo que o professor utilizaria para este fim.

Concluindo, após essa análise teórica constata-se que os seres humanos, são seres aprendentes ao seu natural, aprendem sempre, inicialmente com a família, depois amigos e escola. Considerando o âmbito da educação não formal vimos que a imagem se constitui em um determinante no processo educativo, principalmente se se considerar que o acervo de um museu é acervo visual, seja ele histórico ou artístico. Isso significa que independente de sua tipologia, a visualidade será o carro chefe desse processo educativo. No museu tanto a criança, quanto o adulto, que aqui se chama de observador, irá dialogar com as imagens encontradas e formar, a partir de diferentes contextos expositivos, conhecimentos crítico de mundo, educação ambiental, educação patrimonial, educação estética, educação cultural. Enfim, formar para o futuro, tendo a compreensão de seu papel como sujeito social que vive o passado e o presente, é a partir de suas ações que o futuro será constituído.

Referências

BRASIL. Governo do Brasil, **Conheça as diferenças entre patrimônios materiais e imateriais**. Publicado por: Abreu e Chagas (2009)
Disponível em: < <http://www.brasil.gov.br/noticias/cultura/2009/10/conheca-as-diferencas-entre-patrimonios-materiais-e-imateriais>> acesso: 29 mar 2019

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 22 ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Cultura: o mundo que criamos para aprender a viver. In: _____ **A educação como cultura**. Campinas, SP: Companhia das letras, 2002. p. 11-27.

BUORO, Anamelia Bueno. **O olhar em construção**: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

COELHO, Ildeu Moreira. In: **Anais VI EPECO**. Campo Grande, 2003.

COLETO, Daniela Cristina, A importância da arte para a formação da criança.
Revista Conteúdo, Capivari, v.1, n.3, jan./jul. 2010 – ISSN 1807-9539.

CONSELHO INTERNACIONAL DE MUSEU

Disponível em: <<http://icom-portugal.org/2015/03/19/definição-museu/>> acesso: 12 Fev. 2019

COSTA, H. H. F. G; WAZENKESKI, V. F. **A importância das ações educativas nos museus**. 2015

Disponível em: < file:///C:/Users/susan/Downloads/6336-33487-1-PB%20(1).pdf> Acesso: 12 Fev. 2019.

DUARTE JÚNIOR. João-Francisco. **O que é realidade**. São Paulo: Brasiliense, 2004

FUSARI, Maria Felisminda de Rezende e. **Arte na educação escolar**. São Paulo: Cortez, 1993.

GAUTHIER, Clemont. Ensinar: ofício estável, identidade profissional vacilante. In: Silva, Marilda da(org.) **Pedagogia cidadã**: Cadernos de formação: caderno de didática. São Paulo: UNESP, pró-reitoria de graduação, 2003.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e educador social**: Atuação no desenvolvimento de projetos sociais. São Paulo: Cortez, 2010

HORTA, Maria de Lourdes Parreira; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: Instituto do Patrimônio histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999. 68p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS

Disponível em: <<http://www.museus.gov.br/>> Acesso: 09 fev 2019

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 4 ed. Rio de Janeiro: Zorge Zahar, 1988.

MARTINS, Luciana Conrado. **A relação museu/escola: teoria e pratica educacionais nas visitas escolares ao museu de zoologia da USP**. In: MARTINS, Luciana Conrado. Dissertação apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo para Obtenção do título de mestre em educação.

PAZ, F.R.C; GRAEBIN, C, M, G. **Do Museu para a Escola: uma experiência de ensino a partir da Coleção Missioneira do Museu Júlio de Castilhos**. Rev. Espaço acadêmico. Nº137, setembro de 2012

PINTO, Suely Lima de Assis. A formação cultural na graduação: elementos para se pensar a

cultura, a arte e a educação por meio da experiência estética. In: RAIMAN, Ari (Org.). **Graduação e a formação de formadores:** elementos implicadores da formação. Jundiaí, Paco editorial: 2015.

PINTO, Suely Lima de Assis. A socialização humana e a internalização da cultura. Revista Eletrônica de Educação do Curso de Pedagogia do Campos Avançados de Jataí da Universidade Federal de Goiás: **Itinerarius Reflectionis** vol.2, n.1, 2006.

PINTO, Suely Lima de Assis. Memória, imagem e educação nos processos de formação. In: Heloisa Selma Fernandes Capel; Márcio Pizarro Noronha; Rosangela Patriota. (orgs) **História e Imagens:** Jornadas com Didi-Huberman. São Paulo: Verona, 2016.

SANTOS, Maria Célia T. Moura. **Repensando a Ação Cultural e Educativa dos Museus.** 2 ed. Salvador: Centro editorial e didático UFBA, 1993